ISSN: 2358-8829

ENTRE ESPAÇOS, ENCONTROS E APRENDIZAGENS: UMA EXPERIÊNCIA EXTENCIONISTA

Nívia Xavier Correia Nóbrega [1]
Jocineia Pereira dos Santos [2]

INTRODUÇÃO

Quando pensamos em educação, é comum que a escola seja o primeiro espaço de que nos lembramos. Essa associação, embora compreensível, pode nos fazer perder de vista experiências importantes que acontecem em outros lugares e que também participam da nossa formação. Aprendemos nas relações que estabelecemos, nos projetos sociais, nos espaços culturais, nas iniciativas comunitárias e nas diferentes situações em que somos convidados a conhecer outras realidades. Foi justamente essa compreensão que a disciplina nos ajudou a aprofundar: a educação não cabe em um único espaço e tampouco se realiza de uma única maneira.

Isso não significa desconsiderar a escola, sua importância social ou a especificidade do trabalho que nela se desenvolve. O que buscamos destacar é que existem outras formas de ensinar e aprender que merecem ser conhecidas e valorizadas. Ao nos aproximarmos dessas experiências, percebemos também que a formação universitária ganha outro sentido quando conseguimos relacionar o que discutimos teoricamente com aquilo que encontramos na realidade.

Foi nesse horizonte que se desenvolveu a disciplina extensionista Educação em Diferentes Espaços II – Vivências e Práticas (EDU1831), vinculada ao Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), no primeiro semestre de 2026. A experiência reuniu estudantes de diferentes áreas de formação, entre elas Engenharia de Produção, Pedagogia, Design, Administração, Ciências da Computação e História. Ao longo do semestre, a proposta articulou leituras e debates

[1] Doutoranda do Curso de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, nobrega.niviaxc@gmail.com;
[2] Doutoranda pelo Curso de Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, jogym@puc-rio.br.

teóricos, visitas a espaços educativos situados no entorno da universidade e elaboração de sugestões de intervenção, posteriormente compartilhadas e discutidas com a turma. Entre os espaços conhecidos estiveram o Núcleo de Educação de Jovens e Adultos (NEAd/PUC-Rio), o projeto Arte, Inclusão e Educação na Universidade (AiÊ), a Apple Developer Academy e o Galpão das Artes Hélio Peregrino, associado à Comlurb. A participação em atividades da Semana da Memória Ancestral ampliou esse percurso. Apesar de suas diferentes finalidades, os espaços apresentaram possibilidades de aprendizagem relacionadas à inclusão, à cultura, à tecnologia, à educação ambiental, à memória e à valorização de experiências sociais diversas.

Neste relato, buscamos compartilhar e analisar o percurso vivido na disciplina, considerando especialmente as contribuições das visitas para nossa compreensão sobre educação não formal, os desafios de observar práticas educativas tão diferentes e a importância das propostas de intervenção para o processo formativo. Interessa-nos, sobretudo, refletir sobre o que esses encontros provocaram em nosso olhar e sobre como podem contribuir para uma atuação profissional mais atenta às pessoas, aos contextos e às diferentes formas de produzir conhecimento.

A discussão parte do entendimento de que a extensão universitária deve constituir uma relação de troca e não um movimento unilateral de transmissão de saberes. A Resolução CNE/CES nº 7/2018 reconhece a extensão como atividade integrada à formação discente e articulada ao ensino e à pesquisa (BRASIL, 2018). Nessa perspectiva, a vivência aqui narrada permite problematizar tanto as potencialidades do encontro entre universidade e sociedade quanto os cuidados necessários para que observações pontuais não sejam confundidas com diagnósticos completos sobre instituições e projetos.

METODOLOGIA

Este trabalho é um relato de experiência de caráter qualitativo e reflexivo, construído a partir das atividades desenvolvidas na disciplina e dos registros produzidos ao longo desse percurso, especialmente o resumo da experiência e a autoavaliação final. Não pretendemos apresentar uma pesquisa de avaliação dos projetos visitados, nem medir os resultados das atividades realizadas por eles. Nosso interesse está em refletir sobre as

ISSN: 2358-8829

aprendizagens que essas aproximações possibilitaram e sobre as questões que surgiram quando passamos a olhar para a educação fora dos espaços escolares tradicionais.

O percurso pedagógico da disciplina compreendeu três movimentos articulados. O primeiro consistiu na aproximação com leituras e discussões sobre educação em diferentes espaços. O segundo envolveu visitas a iniciativas com propostas e públicos diversos, possibilitando conhecer suas práticas e identificar dimensões educativas presentes em cada contexto. O terceiro movimento correspondeu à elaboração de propostas de intervenção a partir das observações feitas, com apresentação e discussão coletiva em sala. Ao final, a autoavaliação permitiu retomar criticamente o percurso e reconhecer mudanças na compreensão dos processos educativos.

Para a sistematização do relato, as experiências foram organizadas em eixos analíticos: ampliação do conceito de educação; diversidade de linguagens, públicos e espaços; relação entre observação, escuta e intervenção; e contribuições para a formação interdisciplinar. Esses eixos não representam categorias obtidas por entrevistas ou instrumentos padronizados de pesquisa, mas uma organização interpretativa dos aspectos presentes nos documentos utilizados. A análise dialoga com estudos sobre educação não formal, diálogo pedagógico e extensão universitária.

Cabe registrar uma limitação importante: os materiais que serviram de base a este texto informam que a turma elaborou e apresentou propostas de intervenção, mas não trazem a descrição de cada uma delas nem permitem afirmar que tenham sido executadas. Por essa razão, nossa análise se concentra no processo de observação, discussão e elaboração das propostas, sem atribuir aos espaços visitados resultados que não foram documentados. Entendemos que reconhecer esses limites também faz parte de uma escrita acadêmica comprometida com a experiência tal como ela aconteceu.

REFERENCIAL TEÓRICO

Pensar a educação para além da escola exige reconhecer que os processos de formação humana se desenvolvem em múltiplos contextos e por diferentes mediações. Gohn (2006) distingue a educação formal, vinculada a instituições e estruturas curriculares específicas, da educação não formal, que envolve aprendizagens organizadas em espaços de participação e interação social, e da educação informal, relacionada a experiências cotidianas. Essa distinção ajuda a identificar a intencionalidade educativa de

ISSN: 2358-8829

iniciativas culturais, socioambientais, tecnológicas e inclusivas, sem pressupor que todas operem segundo a mesma lógica.

A educação não formal ganha relevância justamente porque permite perceber como sujeitos aprendem por meio da convivência, da participação e da relação com problemas concretos. Não se trata de um campo homogêneo: diferentes iniciativas podem apresentar finalidades, recursos, métodos e condições institucionais muito distintas. Por isso, conhecer um espaço educativo requer atenção à sua história, aos sujeitos envolvidos, às condições de funcionamento e às formas de participação que ele possibilita. Uma visita formativa não deve ser reduzida à identificação de boas práticas isoladas, mas pode abrir perguntas sobre acesso, pertencimento, inclusão e produção de conhecimentos.

A reflexão também se aproxima de Paulo Freire, para quem ensinar e aprender demandam abertura ao diálogo, respeito aos saberes dos educandos e reconhecimento de sua condição de sujeitos do processo educativo (FREIRE, 1996). Esse referencial oferece uma orientação ética importante à extensão universitária: a universidade não se aproxima de outros espaços para simplesmente prescrever soluções, mas para construir relações de escuta e aprendizagem recíproca. A observação de uma prática educativa, nesse sentido, precisa considerar o que seus participantes sabem, fazem e significam, evitando julgamentos descontextualizados.

Em Extensão ou comunicação?, Freire (1983) problematiza a ideia de extensão como transferência unilateral de conhecimentos. Sua crítica ajuda a compreender por que a elaboração de intervenções deve partir de uma postura dialógica, na qual a experiência dos sujeitos e as necessidades dos espaços sejam reconhecidas. No contexto da disciplina, esse cuidado se expressa no desafio de propor melhorias sem desconsiderar a trajetória e as potencialidades das iniciativas visitadas. A reflexão crítica, portanto, não se confunde com a busca apressada por fragilidades.

No plano das políticas educacionais, a Resolução CNE/CES nº 7, de 18 de dezembro de 2018, estabelece diretrizes para a extensão na educação superior e reforça sua integração à matriz curricular e à organização da pesquisa. O documento situa a extensão no processo formativo e na interação transformadora entre instituições de ensino superior e outros setores da sociedade (BRASIL, 2018). Essa orientação contribui para compreender a disciplina não como atividade complementar desconectada da formação, mas como experiência que coloca os conhecimentos universitários em relação com práticas e questões sociais.

ISSN: 2358-8829

Assim, a articulação entre Gohn, Freire e as diretrizes nacionais da extensão permite compreender a experiência sob três aspectos complementares: o reconhecimento de espaços educativos diversos, a centralidade do diálogo nas relações de aprendizagem e o compromisso formativo e social da universidade. Esses aspectos orientam a leitura das vivências, respeitando suas particularidades e evitando a expectativa de que uma única teoria explique integralmente contextos tão diferentes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma das mudanças mais significativas que identificamos ao retomar a experiência foi a ampliação da própria ideia de educação. Muitas vezes, mesmo reconhecendo teoricamente que se aprende em diferentes lugares, continuamos associando o processo educativo à sala de aula, ao professor e aos conteúdos organizados em um currículo. As visitas nos colocaram diante de práticas que não seguem necessariamente essa estrutura e, ainda assim, produzem aprendizagens importantes. A autoavaliação evidencia esse movimento de mudança de olhar, que não ocorreu de uma vez, mas foi sendo construído ao longo do semestre, no contato com cada projeto e nas conversas realizadas depois das visitas.

Foi importante perceber que os espaços não precisavam se parecer entre si para serem reconhecidos como educativos. Ao contrário, suas diferenças foram justamente o que tornou a experiência tão rica. Em cada visita, encontramos propostas, públicos e modos de atuação próprios. Isso nos exigiu atenção para compreender o sentido das atividades em seu contexto, em vez de avaliá-las a partir de um modelo previamente estabelecido. Essa postura, que parece simples, trouxe uma aprendizagem importante: antes de propor qualquer mudança, precisamos conhecer, escutar e compreender o trabalho que já é realizado.

O Núcleo de Educação de Jovens e Adultos (NEAd/PUC-Rio) integrou o conjunto de visitas e contribuiu para evidenciar que os percursos educativos não se limitam a uma etapa etária ou a uma trajetória escolar linear. A presença desse espaço no itinerário formativo convidou à reflexão sobre o direito de aprender ao longo da vida e sobre a necessidade de reconhecer experiências e conhecimentos construídos fora dos percursos escolares convencionais. Os documentos disponíveis não detalham as atividades

ISSN: 2358-8829

específicas observadas no NEAd; por isso, a análise aqui se concentra no significado de sua inclusão entre as experiências formativas da disciplina.

Entre as experiências vivenciadas, o projeto Arte, Inclusão e Educação na Universidade (AiÊ) teve um significado especial. A visita nos aproximou de uma iniciativa voltada à inclusão e ao desenvolvimento de pessoas neuroatípicas e pessoas com deficiência, em um ambiente descrito na autoavaliação como acolhedor, seguro e formativo. Mais do que conhecer a existência de um projeto, foi importante refletir sobre a necessidade de criar condições para que diferentes sujeitos participem de experiências educativas e culturais. Essa aproximação nos fez pensar também em quantas pessoas ainda encontram barreiras para acessar espaços de aprendizagem e convivência.

A experiência no AiÊ também permitiu refletir sobre a potência de práticas educativas que mobilizam diferentes formas de comunicação e criação. Embora os registros não descrevam oficinas ou procedimentos específicos, a articulação entre arte, inclusão e educação presente na proposta do projeto aponta para a importância de ampliar repertórios pedagógicos e questionar padrões únicos de aprendizagem. Nesse ponto, a perspectiva dialógica de Freire (1996) contribui para pensar uma prática que reconheça os sujeitos em sua singularidade e valorize os conhecimentos que produzem.

Outra experiência que nos marcou foi a visita ao Galpão das Artes Hélio Peregrino, da Comlurb. Ali, chamou a atenção a maneira como a educação ambiental pode ser trabalhada desde a infância, com atividades lúdicas que ajudam as crianças a reconhecer e separar resíduos de acordo com os materiais. Trata-se de uma aprendizagem que dialoga diretamente com a vida cotidiana e que pode contribuir para a construção de hábitos e atitudes mais responsáveis. O que tornou essa visita especialmente significativa foi perceber que assuntos importantes, como a relação entre sociedade e meio ambiente, podem ser abordados de maneira acessível e próxima da realidade das crianças.

Esse contato favoreceu uma compreensão da educação ambiental como processo de formação de atitudes e de leitura crítica das relações entre sociedade e ambiente. A relevância pedagógica da experiência não está apenas na aprendizagem de procedimentos de separação de materiais, mas na possibilidade de discutir hábitos coletivos, consumo, descarte e cuidado com os espaços compartilhados. Ao mesmo tempo, uma análise responsável deve reconhecer que a visita, por si só, não permite avaliar mudanças duradouras de comportamento entre os participantes das atividades do Galpão.

ISSN: 2358-8829

A Apple Developer Academy, por sua vez, integrou o percurso como espaço relacionado à formação e à criação no campo tecnológico. Sua presença entre as visitas ampliou o repertório da turma ao aproximar a discussão educacional de ambientes em que tecnologia, desenvolvimento e aprendizagem se encontram. O registro disponível não descreve projetos específicos observados nesse espaço; ainda assim, sua inclusão no itinerário foi importante para questionar a ideia de que os processos educativos se limitam a metodologias tradicionalmente associadas à escola.

A participação nas atividades da Semana da Memória Ancestral acrescentou outra dimensão ao percurso: a relação entre educação, memória, cultura e reconhecimento de saberes. Ao compor o conjunto de experiências, a atividade contribuiu para ampliar a percepção de que os processos formativos também se organizam por meio da valorização de histórias, identidades e referências culturais. Essa dimensão é relevante porque evidencia que a produção de conhecimento não se restringe aos repertórios acadêmicos e que a universidade pode constituir um espaço de encontro entre diferentes formas de compreender o mundo.

Ao reunirmos essas vivências, ficou ainda mais evidente que não existe uma única forma de desenvolver práticas educativas fora da escola. A educação ambiental, a inclusão, a formação de jovens e adultos, a tecnologia e a valorização da memória e da cultura apareceram como caminhos distintos, mas igualmente relevantes. O mais importante, para nós, foi perceber que cada espaço tem uma história, uma proposta e sujeitos que dão sentido ao trabalho realizado. Conhecer essa diversidade ampliou nosso repertório e nos ajudou a questionar visões mais restritas sobre o que significa educar.

Outro aspecto central do percurso foi a composição interdisciplinar da turma. A participação de estudantes de diferentes cursos criou condições para que um mesmo espaço fosse observado a partir de repertórios distintos. Questões relacionadas à organização de atividades, ao uso de tecnologias, à comunicação, ao acolhimento e às relações pedagógicas puderam entrar em diálogo no processo coletivo de aprendizagem. Os registros não permitem reconstruir as contribuições individuais de cada área, mas indicam que a troca de percepções e a apresentação das propostas de intervenção constituíram momentos relevantes de escuta e reflexão.

A atividade de elaborar propostas de intervenção também merece destaque. Depois de conhecer os espaços, fomos convidadas a pensar em possibilidades de contribuição a partir daquilo que havíamos observado. Não se tratava simplesmente de

ISSN: 2358-8829

apontar problemas ou sugerir mudanças de fora para dentro. A proposta exigia reconhecer o que cada iniciativa já realizava, considerar suas particularidades e refletir sobre o que poderia ser aprimorado. Esse exercício foi importante porque nos colocou diante de uma questão que acompanha diferentes práticas profissionais: como contribuir com uma realidade sem desconsiderar os saberes e a experiência das pessoas que fazem parte dela?

A apresentação das propostas à turma também teve valor pedagógico próprio. Ao compartilhar suas observações, os estudantes puderam confrontar impressões, ouvir outras leituras e refletir sobre a pertinência de suas sugestões. O processo avaliativo, assim, não ficou restrito à entrega de um produto final, mas envolveu discussão e construção coletiva de conhecimento. Ainda que não haja registro detalhado do conteúdo das propostas, é possível reconhecer, com base nos documentos, a importância formativa de um exercício que articula análise crítica e respeito às iniciativas visitadas.

Essa forma de avaliação também ajuda a pensar os limites da experiência. Uma proposta construída após uma visita pode ser um ponto de partida para o diálogo, mas não substitui a participação continuada dos sujeitos envolvidos nem a compreensão aprofundada das condições de funcionamento de cada projeto. Da mesma maneira, sugerir uma ação não significa que ela tenha sido executada ou que tenha produzido mudanças concretas. Explicitar essa distinção é fundamental para preservar a precisão do relato e evitar que a narrativa atribua à disciplina resultados que não foram documentados.

A autoavaliação realizada ao final da disciplina foi, por si só, mais um momento de aprendizagem. Ao escrever sobre o percurso, foi possível retomar experiências que nos marcaram, reconhecer mudanças em nossa compreensão e relacionar as leituras às situações vivenciadas. O destaque dado ao AiÊ e ao Galpão das Artes não diminui a importância das demais visitas; revela, antes, como determinadas experiências mobilizam questões que dialogam de modo mais direto com nossos interesses e trajetórias. Esse movimento de olhar novamente para o que vivemos ajudou a dar sentido ao conjunto da disciplina.

Em síntese, os resultados deste relato dizem respeito principalmente à formação: ampliação da compreensão dos espaços educativos, valorização de diferentes sujeitos e linguagens, fortalecimento de uma postura observadora e crítica e reconhecimento da importância do diálogo na construção de propostas. A experiência confirma a pertinência de aproximar ensino, extensão e reflexão sobre práticas sociais, conforme as diretrizes

nacionais para a extensão (BRASIL, 2018), sem desconsiderar a necessidade de continuidade e aprofundamento para avaliar impactos nos projetos e em seus públicos.

Um aspecto que atravessou toda a experiência foi a relação entre o conhecimento produzido na universidade e os saberes construídos nos próprios espaços visitados. Nem sempre percebemos, em nossa rotina acadêmica, o quanto podemos aprender quando nos dispomos a conhecer o trabalho de outras pessoas. As visitas nos lembraram que a universidade não precisa ocupar sempre o lugar de quem ensina. Ela também pode ser o lugar de quem observa, pergunta, escuta e aprende. Essa disposição é fundamental quando pensamos na extensão como uma prática de aproximação e troca.

Também foi possível reconhecer que as experiências educativas não estão separadas das questões sociais. Quando conhecemos uma iniciativa de inclusão, por exemplo, somos levadas a refletir sobre as barreiras que ainda dificultam a participação de muitas pessoas. Quando observamos uma proposta de educação ambiental, pensamos sobre a responsabilidade coletiva diante dos problemas do cotidiano. E, ao entrar em contato com espaços voltados à memória, à cultura e à formação de diferentes públicos, compreendemos que ensinar e aprender envolvem identidades, histórias e oportunidades que não são distribuídas de maneira igual na sociedade.

Por isso, consideramos que a contribuição da disciplina não pode ser medida apenas pela quantidade de visitas realizadas. O que deu sentido ao percurso foi a possibilidade de relacionar essas experiências às leituras, às discussões e à elaboração das propostas de intervenção. Em alguns momentos, o contato com a realidade confirmou questões que já havíamos estudado; em outros, trouxe dúvidas e mostrou que a prática é mais complexa do que qualquer definição. Essa tensão entre o que lemos e o que encontramos foi uma das partes mais formativas da experiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do semestre, a principal aprendizagem que levamos foi a compreensão de que a educação acontece em diferentes espaços e assume formas muito diversas. As visitas e os debates nos permitiram sair de uma compreensão mais restrita dos processos educativos e conhecer iniciativas que trabalham com inclusão, meio ambiente, tecnologia, memória, cultura e formação de jovens e adultos. Mais do que acumular informações

ISSN: 2358-8829

sobre esses projetos, a experiência nos convidou a olhar com mais atenção para os sujeitos, para suas necessidades e para os saberes que circulam em cada contexto.

Entre as contribuições mais relevantes do percurso, destaca-se a possibilidade de olhar para cada iniciativa a partir de suas particularidades, reconhecendo potencialidades sem desconsiderar desafios. As experiências no AiÊ e no Galpão das Artes, especialmente ressaltadas na autoavaliação, demonstraram a força de práticas educativas que valorizam a inclusão e a sensibilização ambiental. As demais visitas também integraram esse movimento de ampliação do olhar, ao evidenciar a diversidade de espaços, sujeitos e formas de aprendizagem.

A elaboração e a discussão coletiva das propostas de intervenção reforçaram a importância de uma postura ética e dialógica. A aproximação com os espaços educativos não deve ser orientada pela ideia de que a universidade possui respostas prontas, mas pela disposição de observar, escutar e construir conhecimentos em relação com outras experiências. Esse aprendizado é particularmente relevante para a formação universitária, pois permite compreender a crítica não como julgamento externo, mas como exercício comprometido com o reconhecimento das iniciativas e de seus sujeitos.

O relato apresenta limites que também precisam ser considerados. Os documentos utilizados não registram detalhadamente todas as atividades de cada visita, o conteúdo das intervenções sugeridas ou sua eventual implementação. Portanto, as conclusões se referem às aprendizagens percebidas e sistematizadas no percurso formativo, não a impactos mensurados sobre os projetos visitados. Investigações futuras poderiam incorporar registros de campo mais sistemáticos, escuta dos responsáveis pelos espaços e acompanhamento das propostas construídas em parceria.

A experiência reforçou, sobretudo, a importância de uma formação que não se limite ao estudo de conceitos, mas que permita encontrar pessoas, conhecer práticas e refletir sobre a realidade. Saímos da disciplina com novas perguntas e com uma compreensão mais ampla das possibilidades da educação. Permanecem os aprendizados construídos nas visitas, nas discussões coletivas e no exercício de pensar intervenções de maneira respeitosa. São experiências que não se encerram com o semestre, pois continuam contribuindo para a forma como compreendemos a educação e nossa própria atuação profissional.

Palavras-chave: Educação não formal; Extensão universitária; Vivências educativas; Espaços educativos; Intervenção pedagógica.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES nº 7, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 19 dez. 2018.

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.